

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

PERSPECTIVA DA TRANSFORMAÇÃO DIVINA EM O MÁGICO DE OZ E OZ MÁGICO E PODEROSO.¹

PERSPECTIVE OF DIVINE TRANSFORMATION IN THE WIZARD OF OZ AND OZ THE GREAT AND POWERFUL

Daniela Kleinübing Käfer²

¹ Projeto de Pesquisa realizado no curso de Letras da Unijuí

² Aluna do curso de Letras - Português/Inglês da Unijuí.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tratará sobre o livro “O Mágico de Oz”, de Lyman Frank Baum, que traz como personagem principal uma menina chamada Dorothy. A obra narra “*as aventuras de um protagonista de bom coração em meio a um mundo mágico rumo a um final feliz*” (HUECK, 2016), em contraponto com o filme “Oz – Mágico e Poderoso” do diretor Sam Raimi, de 2013. O longa-metragem trata sobre o período anterior ao do livro, em que o mágico charlatão, Oz, vai, através de uma viagem de balão em um tornado, parar na terra que possui seu nome.

O objetivo desse trabalho de análise comparada é discutir alguns elementos da narrativa e do filme, tão ricos e cheios de simbolismos, que permitem a visualização de uma interferência divina na história dos personagens. E essa intervenção “superior” vai modificando a interioridade das personagens, fazendo com que se tornem complexas no decorrer da narrativa.

O filme, diferentemente do livro, trata exclusivamente sobre Oz, trabalha de maneira sutil outros personagens com elementos simbólicos, e, não traz Dorothy e nenhum de seus amigos. O que assemelha o filme e a obra literária não é o enredo em si, mas o elemento do mágico. Alguém esperado, um ser que, com super poderes e em um passe de mágica, de maneira milagrosa, vai resolver os problemas de pessoas boas que estão em uma situação desventurada sem merecimento.

A produção cinematográfica vai, em uma análise cronológica da obra literária, tratar de um período que antecede a aventura de Dorothy. Quando Dorothy chega à Terra de Oz, o ilusionista já está lá, e já derrotou uma bruxa má, construindo assim, a sua reputação de mago poderoso. Podemos afirmar então que, o filme complementa o livro, fazendo um prólogo audiovisual para a obra.

METODOLOGIA

Este resumo utilizará como metodologia uma pesquisa bibliográfica pautada na obra “O Mágico de Oz” e em autores que dão respaldo para análise e interpretação dos elementos constantes no livro e no filme “Oz Mágico e Poderoso” que fará comparação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES - A PRESENÇA DE DIVINDADES NAS OBRAS

Um dos elementos que chama a atenção e que aproxima as duas obras é a cor cinza do Kansas.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Tanto no livro, como no filme, o Kansas, cenário onde tudo inicia é descolorido. Não há brilho ou beleza. Há somente o comum e rotineiro, nada de especial ou interessante. Em “O Mágico de Oz” inclusive os personagens são tristes, percebe-se então que a cor cinza é uma característica ambiental do livro. E esse aspecto também define o clima: sóbrio, de tristeza, opacidade, mornidão.

Já em “Oz – Mágico e Poderoso”, apesar de definir um clima ambiental também, não é tanto um clima tristonho como no livro, mas um clima fosco, que não permite a realização dos sonhos de glória que Oz deseja em seu interior. Kansas é um lugar medíocre, que possui moradores ordinários, na visão do mágico.

Contudo, tanto Dorothy, como Oz, ao chegarem à terra desconhecida, são surpreendidos pela beleza estonteante do lugar, cheio de cores e vivacidade. Infelizmente, o filme é pobre em vários quesitos, tão-somente comercial e sem grandes desdobramentos no roteiro ou nas personagens. Os únicos que realmente sofrem transformações em sua interioridade são Oz e a Bruxa Theodora. Esta última, representando, em uma personagem só, duas essências, a única que representa uma divindade que possui atributos tão humanos quanto a dualidade. Ora somos bons, ora maus.

Já a obra literária, é mais bem amparada com complexidade dos personagens e simbolismos. Um deles é o vento. Segundo CHEVALIER (1986), o vento, em várias culturas, é uma marcação da presença de alguma divindade. A que mais chama a atenção é a cultura grega, que, apesar do autor trazer com uma descrição bastante simplória e sem grandes aprofundamentos, vai também nos permitir pensar em outro elemento que a narrativa possui: As Bruxas. Mas, este último será tratado posteriormente.

Entre os gregos os ventos eram divindades inquietas e turbulentas, pertencentes às profundas cavernas das ilhas Eólias, além de Sil rei Éolo, distinguem os ventos Norte (Aquilón, Boreas); Sul (Austro); Manhã e Leste (Euro); e à Tarde e Oeste (Cefiro). Cada um deles corresponde uma iconografia particular em relação às propriedades que lhes são atribuídos. (CHEVALIER, 1986)

Em todo o primeiro capítulo do livro, além de ser completamente cinza, ele traz a presença marcante e forte em vários momentos do vento. Este é um elemento sobressaliente no início da obra.

When Aunt Em came there to live she was a young, pretty wife. The sun and wind had changed her, too. They had taken the sparkle from her eyes and left them a sober gray; they had taken the red from her cheeks and lips, and they were gray also. She was thin and gaunt, and never smiled, now. (BAUM, 2005, p.4)

Podemos, através do trecho, perceber o impacto do clima sobre a Aunt Em. Não só mudam sua vida, como lhe mudam internamente, que reflete, nessa cena, em seu exterior. A tia de Dorothy transforma-se, fica “a sober gray [...] and never smiled, now” (BAUM, 2005, p.4). Através dessa afirmação, apreende-se que Em, em algum momento anterior ao que morou no Kansas, já sorriu, e, não era tão cinzenta, sombria e triste.

É viável interpretar assim o vento como a ação de algo superior, algo que está para além do alcance da Aunt, que a transforma mesmo sem sua permissão. Deixando a personagem, nesse

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

caso, quase irreconhecível ao que a obra descreve sobre ela no momento que chegou, “*she was a young, pretty wife*” (BAUM, 2005, p.4).

Temos ainda como elemento, segundo CHEVALIER (1986), que representa divindades, o sol, que pode tanto dar a vida quanto tirá-la.

Os Samoyeds veem o sol e a lua como olhos de Num (Céu): o sol é o bom olho e a lua o mau. O sol também é considerado fecundador. Mas também pode queimar e matar. O sol imortal nasce todas as manhãs e desce todas as noites ao reino dos mortos; portanto, pode transportar consigo homens ao amanhecer e ao entardecer matá-los; mas, além disso, pode simultaneamente conduzir almas através das regiões infernais e devolvê-los no dia seguinte, pela manhã, à luz. [...].

Num outro aspecto é também o destruidor, o princípio da seca, que se opõe a chuva fecundante. [...] De outra maneira, a alternância vida-morte-renascimento é simbolizada com o ciclo solar: diárias (simbolismo universal, mas muito rico em textos védicos) e anuais (solstício). O sol aparece, assim, tão como símbolo de ressurreição como de imortalidade. (CHEVALIER, 1986, p. 949)

No caso do Kansas, o Sol é responsável pela morte e não pelo viver. O Sol e o Vento nesse primeiro capítulo de “*The Wonderful Wizard of Oz*” são representantes das agruras cotidianas, que todos os dias vêm sobre nós, seres humanos e mortais, incapazes de nos defender das ações dos elementos da natureza, que, por sua vez, são uma força superior, com limitações que não possui o homem, e que, muitas vezes, pode inclusive ditar a maneira dos indivíduos viverem e encararem suas vidas.

E, antes de retomarmos as bruxas citadas alguns parágrafos acima, podemos ainda, avaliar o vento como elemento ditador de fatos e modos na vida dos personagens do livro e do filme. No longa-metragem, Oz também fica suscetível a esse elemento da natureza, quando é, por ele, carregado para uma terra estranha, cheia de pessoas também estranhas e seres peculiares.

A produção cinematográfica traz apenas três bruxas, e não as nomeia como na obra literária, de Norte, Sul, Leste e Oeste. Em primeiro momento, nesse aspecto, o longa empobrece, dando apenas nomes próprios as personagens, e tirando um dos elementos, ou seja, uma das Bruxas boas, sem preocupação com a riqueza que estas representam na narrativa. Porém, quando avaliamos “*Oz - Mágico e Poderoso*” com maior proximidade, percebemos que ele não deixou de trabalhar uma delas, somente condensou duas dentro de uma, tornando a Bruxa Theodora mais humana, suscetível também aos amores e desamores da vida, tal qual um deus grego, e proporcionando ao filme um desdobramento inesperado.

A citação de Chevalier, que, assim como traz o vento sendo elemento de divindade, também revela uma possibilidade para o motivo pelo qual as bruxas são justamente, assim como os gregos criam, Norte, Sul, Leste e Oeste e que possuíam uma relação singular com os territórios. Tal qual uma divindade pode destruir, também pode salvar, então, duas são más e duas são boas. E, um detalhe bastante interessante na narrativa é o fato de que, os ventos que formam o ciclone que leva Dorothy e sua casa como se estivesse “*going up in a balloon*” (BAUM, 2005, p.5) são as direções das bruxas boas.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

“From the far north they heard a low wail of the Wind, and Uncle Henry and Dorothy could see where the long grass bowed in waves before the coming storm. There now came a sharp whistling in the from the south, and as they turned their eyes that way they saw ripples in the grass coming from that direction also” (BAUM, 2005, p.5)

Esse aspecto é interessante, porque revela um lado “bom”, visto como infortúnio. Logo que ocorre o incidente com o tornado que leva Dorothy para o mundo de Oz, a personagem pode passar, aos olhos do leitor, por um período de “coitadismo”, afinal, ela é uma menina com um bom coração e que não merecia o “mal” que lhe sucedeu. Contudo, no decorrer da obra, a força e a obstinação de Dorothy são reveladas, percebendo que para ela, ter ido para essa terra estranha não foi, de modo algum, um infortúnio e sim um presente, ou talvez, uma oportunidade para crescimento.

Sendo assim, não é possível, não relacionar esses ventos Norte e Sul com as Bruxas do Norte e do Sul, amarrando ainda a estes elementos, o Deus Bíblico, com suas características benevolentes. O Deus do personagem estudado durante a disciplina, Jó. Esse Deus, do mundo ocidental cristão, também age em situações aparentemente más, para levar o sujeito a elevar-se, tornar-se “superior” ao momento em que se depara com os problemas pela primeira vez.

Podemos ainda, desta feita, avaliar essa passagem da personagem principal do Kansas para a Terra de Oz, como uma espécie de ressurreição. Ao final do primeiro capítulo, *“Dorothy soon closed her eyes and fell fast asleep”* (BAUM, 2005, p.6), indicando que ela, em certa medida morre para a vida com seus tios e florescerá, no capítulo dois, para o novo e encantador. O que era cinza, triste e árido, se transforma agora em abundante, belo e colorido, *“Dorothy sat up and noticed that the house was not moving; nor was it dark, for the bright sunshine came in at the window, flooding the little room”* (BAUM, 2005).

E essa analogia de transformação também acontece com o personagem principal do filme, em que Oz, ao ir para a terra que possui seu nome, se depara com suas mazelas, e o elemento da bruxa é o que faz um confronto dele com ele mesmo, e o conduz ao caminho da redenção, da mudança de perspectiva e de direção.

E quem faz esse confronto é a Bruxa Glinda, que representa uma divindade boa, com características, assim como o Deus de Jó, benevolentes, amáveis, segura de si e das potencialidades do protagonista.

A obra apresenta grande dicotomia nos elementos representantes de divindades, ora boas, ora más. E as “bondades e maldades” destes seres, vão tornando os personagens diferentes, e, também, moldando-os de acordo com as circunstâncias, fora do controle deles, que transformam o âmagos dos seres humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto o filme como o livro, apresentam suas personagens no começo de uma forma, e ao final, de outra. O primeiro, assim como o segundo, trazem elementos que podem representar divindades interferindo no destino de Dorothy e Oz. E, assim como a obra literária, a produção cinematográfica pontua o homem como um ser que deseja a solução para seus problemas de forma milagrosa.

A “Terra Estranha” vivenciada, tanto pela menina quanto pelo mágico charlatão, é um lugar de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

profundas transformações internas dos personagens, que vão revelando a sua natureza fraca e impotente diante das circunstâncias que sonham simplesmente em não viver.

O que separa as obras é, em suma, são os períodos. “Oz Mágico e Poderoso” fala de um período que antecede “O Mágico de Oz” e, infelizmente, o primeiro é mais simplório que o segundo. O filme, com uma produção bem elaborada, esteticamente belo, poderia ter produzido um enredo mais atraente e envolvente, o que não ocorre com o livro. As aventuras de Dorothy, Totó e seus amigos, vão revelando subjetividades humanas e legados pertencentes até hoje em nossa cultura. Envolvendo seu expectador do início ao fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUM, L. Frank. *The Wonderful Wizard of Oz*. Sterling Children's Books; Nova York, 2005.
CHEVALIER, Jean. *Diccionario de los símbolos*. Editorial Herder; Barcelona, 1986.
HUECK, Karin. *O Lado sombrio dos Contos de Fadas*. Ed. Abril; São Paulo, 2016.
RAIMI, Sam. *Oz - Mágico e Poderoso*. Longa-metragem, 2013.

Palavras - chave: Análise Comparativa; Contos de Fadas; Literatura.

Keywords: Comparative Analysis; Fairy Tales; Literature.